

FRONTEIRAS HUMANO-SOCIOTECNOLÓGICAS EM DON DELILLO

DRA. GISÉLE MANGANELLI FERNANDES
Universidade Estadual Paulista (UNESP)
São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil
gisele.manganelli.fernandes@gmail.com

MAURA CRISTINA FRIGO (DOUTORANDA)
Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Faculdade de Tecnologia de São José do Rio Preto (FATEC-RIO PRETO)
São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil
frigo@fatecriopreto.edu.br

RESUMO: Este trabalho aborda territórios e fronteiras perpassados pelo homem social em busca de sua ininterrupta evolução. Indubitavelmente, houve avanços científico-tecnológicos, mas a maior certeza da existência humana, a morte, ainda é um mistério. Nesse panorama, duas questões são trazidas para debate nesta investigação: a eutanásia e o desejo pela imortalidade. Para tanto, o texto teatral *Love-Lies-Bleeding* (2005) e o romance *Zero K* (2016), do escritor Don DeLillo, são analisados com o objetivo de examinar maneiras como a literatura permite a reavaliação do sujeito em busca do poder decisório acerca de seu próprio destino e de outros, bem como de sua perpetuação. Teóricos como Berger (1967), Haraway (2010), Hall (2015) e Harari (2016, 2017a, 2017b, 2018) embasam esta pesquisa.

Palavras-chave: Tecnologia. Eutanásia. Imortalidade. Homem Social. *Love-Lies-Bleeding*. *Zero K*.

Artigo recebido em: 29 set. 2018.
Aceito em: 03 nov. 2018.

HUMAN, SOCIAL AND TECHNOLOGICAL BORDERS IN DON DELILLO

ABSTRACT: This study focuses on territories and borders crossed by social human beings longing for their uninterrupted evolution. Undoubtedly, scientific and technological advancements were achieved; however, the most definite thing in human existence, death, is still a mystery. In this context, two topics are brought up to debate: euthanasia and the desire for immortality. In order to accomplish this objective, the play *Love-Lies-Bleeding* (2005) and the novel *Zero K* (2016) by Don DeLillo are analyzed to show how literature reevaluates the subject in search for the power to decide his own destiny and that of others, as well as his immortality. Texts by Berger (1967), Haraway (2010), Hall (2015) and Harari (2016, 2017a, 2017b, 2018) are used to support the discussions.

Keywords: Technology. Euthanasia. Immortality. Social human being. *Love-Lies-Bleeding*. *Zero K*.

INTRODUÇÃO

O homem é um ser social, precisa viver em grupo, relacionar-se com seus pares. Dialeticamente, ele constrói a sociedade e é produto desta mesma comunidade, isto é, ele é modificado por sua própria criação. Está em busca constante por evolução e vai criando coisas que facilitam o seu viver; mas, diferente de outros animais, modifica o ambiente ao seu redor e pode até causar destruição em nome do constante progresso.

O homem é sujeito de sua própria história, escreve o roteiro, atua com seus pares e pode mudar e reescrever o desfecho de sua narrativa. Em sua construção de mundo, anda por vários territórios, atravessa várias fronteiras e compõe sua cultura. Produz suas diferentes formas de arte e por meio delas registra seu comportamento e anseios. A literatura é uma destas artes, possibilita o registro das trajetórias percorridas e fronteiras ultrapassadas pelo homem social.

Em suas andanças por vários territórios, sempre em busca desenfreada por evolução e progresso, o homem social deparou-se com velhos inimigos. Segundo Harari (2017a), as forças contrárias eram as doenças, a fome e as guerras. Esses inimigos ainda existem, mas em proporções bem menores.

Doenças como a peste negra, causada por uma bactéria, foi responsável por dizimar um terço da população europeia no século IV. Hoje em dia, existe a cura para muitas doenças que assolaram a população mundial, há vacinas para prevenção de inúmeras enfermidades e controle para muitas outras, como a *AIDS (Acquired Immunodeficiency Syndrome)*. É claro que os desafios são muitos, mas morre-se muito menos por doenças atualmente, comparando-se com séculos anteriores em que nem a penicilina havia.

A fome também tem seu fantasma mais distanciado, salvo em catástrofes naturais ou causadas pelo próprio homem, atualmente é possível a produção alimentícia nos ambientes mais inóspitos. O homem conseguiu driblar a natureza e construiu utensílios, ferramentas e máquinas para cultivar o solo, irrigá-lo, produzir grandes quantidades de alimentos, estocá-los e também industrializá-los. Temos até a agricultura de precisão que dispõe de *GPS (Global Positioning System)*, *drones* e outros dispositivos de última geração como auxiliares para os diversos cultivos. Ainda há áreas no planeta com escassez de recursos para a produção agrícola; mas, de maneira geral, os problemas impeditivos para o plantio são contornados.

As guerras também acontecem ainda, podemos pensar na Faixa de Gaza, por exemplo, nos conflitos entre palestinos e israelenses, mas o que dizer das Grandes Guerras Mundiais de 1914-18 e 1939-45 e do próprio Holocausto nazista que dizimou cerca de seis milhões de judeus?

Assim pensando, Harari (2017a) afirma que os desafios do homem que vive no século atual são outros. Ele deve conviver com as agruras do crescimento econômico e as novas tecnologias criadas; ele almeja a imortalidade, a felicidade e a divindade.

1. NOVOS DESAFIOS: CRESCIMENTO ECONÔMICO E AS NOVAS TECNOLOGIAS

Harari (ibidem) afirma em entrevista a Pedro Bial que a principal religião ou crença do século vigente não é o Cristianismo, nem o Islamismo e tão pouco o Hinduísmo, e sim a crença no crescimento econômico, que é a base do Sistema Capitalista. Em todos os governos, Israel, Turquia, Brasil ou Índia, todos são focados no crescimento da economia.

Atreladas ao desenvolvimento social, estão as novas tecnologias que vão conduzir o mundo, especialmente a Inteligência Artificial (I. A.) e os estudos biométricos. Os algoritmos que são formas matemáticas que alimentam a I. A. vão fazer a leitura do mundo. Vão monitorar as funções humanas, como batimentos cardíacos, por exemplo, até interferir em resultados de eleições. Os sistemas biométricos já possibilitam inúmeras formas de reconhecimento

humano, como íris, digitais, rostos e outros. Os algoritmos computacionais serão os tomadores de decisões, modificarão as trajetórias do homem social.

O indivíduo social sempre almejou a longevidade e esta já teve seu percentual elevado significativamente. No século XXI, o objetivo maior é a busca pela imortalidade, ele quer se perpetuar, lança mão de todos os desenvolvimentos científicos-tecnológicos para que este intuito aconteça. E a tecnologia é o novo Deus, a nova divindade. É por meio dela que o homem melhora seu viver, são exames de diagnóstico, próteses dos mais variados tipos, reprodução assistida, genética melhorada... a lista é extensa.

Na década de 1970, quando assistíamos aos episódios da série *Cyborg, the Six Million Dollar Man* (Ciborgue: o homem de seis milhões de dólares) pela televisão e víamos Lee Majors interpretando Steve Austin, o astronauta que sofreu um acidente com sua espaçonave e, em consequência disso, passa por uma cirurgia autorizada pelo governo e tem partes do seu corpo transformadas em máquinas com pernas, olho e braços biônicos, considerávamos aqueles episódios apenas peças de ficção científica. Hoje, diante da realidade de próteses que diminuem o tormento da rotina de muitas pessoas e depois de Louise Brown, a primeira “bebê de proveta”, a humanidade conseguiu provar sua competência em criar novas formas de sobrevivência, de reprodução, bem como de prolongamento da vida.

Entretanto, o homem nunca conseguiu resolver o grande questionamento acerca da sua finitude, isto é, a morte e todos os mistérios que cercam esse fato inevitável. Explicações religiosas ou não têm dado um certo conforto aos humanos, mas sempre permanecem as preocupações sobre a existência das almas e para onde elas seguem após a morte. As crenças e a ficção estabelecem caminhos para algumas respostas.

Nesse sentido, Harari, em seu mais recente livro *21 lições para o século 21*, expõe essas dúvidas que permeiam a existência humana:

As pessoas perguntam: “Quando eu morrer, eu simplesmente desapareço por completo? Irei para o céu? Renascerei num novo corpo?”. Essas perguntas fundamentam-se na suposição de que existe um eu que perdura do nascimento até a morte, e a pergunta é: “O que acontece com este eu na morte?”. (2018, p.380)

E a arte registra todos estes questionamentos do homem enquanto ser social. As narrativas descrevem as trajetórias e fronteiras ultrapassadas pelo indivíduo, seus enfrentamentos, medos e dúvidas.

Em termos ficcionais, trazemos para discussão o autor norte-americano Don DeLillo, que examina esse assunto em várias de suas obras, e mostra sua ousadia ao trabalhar a eutanásia em *Love-Lies-Bleeding* (2005) e a imortalidade em *Zero K* (2016), focos deste trabalho.

2. LOVE-LIES-BLEEDING: A QUESTÃO ÉTICA DA EUTANÁSIA

Em *Love-Lies-Bleeding* (2005), DeLillo exemplifica a desestruturação familiar e de seus valores da sociedade pós-moderna. As personagens são Alex, de setenta anos, Toinette, uma de suas ex-esposas, uma mulher de mais de cinquenta anos, seu filho, Sean, 35 anos, e Lia, sua atual esposa, cuja idade está na casa dos trinta anos.

A peça traz para o foco de discussão a eutanásia, uma questão ética e religiosa extremamente controversa e polêmica. Seria a eutanásia uma forma de assassinato? Alex, depois de dois derrames, encontra-se, há sete meses, em “estado vegetativo persistente” (DELILLO, 2005, p. 27)¹. Seu filho Sean é a favor da eutanásia e, em um diálogo com Lia, expõe seus motivos:

Não há percepção, não há consciência. Ele não percebe você nem eu nem coisa alguma. Ele não está consciente. E ele não é o Alex. Olhos abertos. Isso não significa nada. Olhos piscando. Nada significa. Mãos se movimentando. Nada. Ele não consegue pensar. Ele não tem noção do que você está dizendo a ele. Você não é a Lia. Ele não é o Alex. (Ibid., p. 15)²

Verificamos que a própria linguagem estabelece a frieza de Sean ao falar sobre a situação de seu pai. A forma reveladora desse sentimento de distância e descaso está expressa de maneira curta, rápida, objetiva: “Ele não está consciente. E ele não é o Alex. Olhos abertos. Isso não significa nada. Olhos piscando. Nada significa. Mãos se movimentando. Nada.”³ Trata-se de um “nada” em termos de vida e de sentimentos, como se houvesse uma barreira impedindo uma aproximação entre pai e filho. Trata-se de mais uma marca da insensibilidade de Sean.

Ora, até que ponto temos o direito de escolher o momento da morte de outro ser humano? Tanto quanto a pena de morte e o aborto, a eutanásia também provoca discussões calorosas, pois a ideia de qualquer tipo de decisão para colocar fim a uma vida implica colocar ao largo valores tradicionais de formação de nosso caráter e de instinto de sobrevivência.

¹ “persistent vegetative state”(DELILLO, 2005, p. 27). (As traduções dos trechos da peça são de responsabilidade das autoras deste trabalho).

² *There’s no awareness, no consciousness. He’s not aware of you or me or anything else. He isn’t conscious. And he isn’t Alex. Eyes open. This means nothing. Eyes blinking. Means nothing. Hands moving. Nothing. He can’t think. He doesn’t know what you’re saying to him. You are not Lia. He is not Alex. (Ibid., p. 15)*

³ “[...] *He isn’t conscious. And he isn’t Alex. Eyes open. This means nothing. Eyes blinking. Means nothing. Hands moving. Nothing*” (Ibid., p.15)

Love-Lies-Bleeding tem início com Alex falando a respeito das incertezas acerca da morte, ao narrar a cena de quando viu um homem morto no metrô quando era criança. “[...] O primeiro homem morto que eu já tinha visto e nunca havia existido alguém antes que parecesse mais definitiva a absolutamente morto” (DELILLO, 2005, p. 8)⁴.

Alex afirma que ninguém havia notado aquele sujeito ali, o qual parecia estar dormindo. Na próxima cena, Alex já se encontra em fase adiantada de estado vegetativo e Sean e Toinette estão conversando. Toinette pede a Sean para olhar para seu pai e ele não o faz. Então, podemos notar que as pessoas lidam com certas situações de maneiras diferentes. As reações de Alex e Sean são distintas diante da morte. Alex olha para um estranho no metrô e Sean é incapaz de olhar para o próprio pai, evidenciando uma relação deteriorada entre eles.

Para Sean, seu pai perdera as conexões com o mundo exterior, isto é, ele não é mais Alex. Sean não reconhece mais o pai naquele homem sentado em uma cadeira ligado a tubos de alimentação. Toinette acredita que Alex deva estar sofrendo naquelas condições e Lia se posiciona contra a eutanásia, pois acredita que eles devam esperar a morte natural de Alex. Lia apresenta uma resistência: “Deixe-o morrer a seu tempo” (Ibid., p. 27).⁵ Porém, há certos momentos em que ela se questiona: “Quem é esse homem? Como isso aconteceu? Não sei como isso aconteceu comigo. É assim que eu quero viver, Dia após Dia, o dia todo, até à noite?” (Ibid., p. 22)⁶.

Essa situação mostra ao leitor que as personagens estão confusas diante de uma situação tão delicada. Para Sean, eutanásia é a “boa morte” (Ibid., p. 26)⁷. Ao trazer esse conceito, Alex vê a eutanásia como algo que libertará seu pai daquele estado e significará sua liberdade de qualquer compromisso com seu genitor.

E, obviamente, ao exporem suas opiniões, elas começam a discutir sobre o que há depois da morte. Toinette acredita que Alex encontrará a paz; porém, Lia discorda, afirmando que não há paz após a morte. Para ela, ainda há vida em Alex. Contudo, Sean contra-argumenta dizendo: “Vida é calor, é movimento”⁸ (Ibid., p. 29). Os leitores notam que há dificuldades de as personagens enfrentarem opiniões distintas. Todavia, elas terão de encontrar uma forma para resolver essas divergências e solucionar o problema pelo qual estão passando.

Um tema relevante na peça é o da estruturação familiar na sociedade contemporânea. Alex já havia casado quatro vezes. Notamos também que o

⁴ “The first dead man I’d ever seen and there’s never been anyone since who has looked more finally and absolutely dead” (DELILLO, 2005, p. 8)

⁵ “Let him die in his time” (Ibid., p. 27)

⁶ “Who is this man? How did this happen? I don’t know how this happened to me. Is this how I want to live, Day after Day, all Day, into the night?” (Ibid., p. 22).

⁷ “Euthanasia. Good death.” (Ibid., p. 26)

⁸ “Life is heat, it’s motion” (Ibid., p.29)

relacionamento entre as personagens é frágil. Sean nunca havia sido muito próximo do pai, como podemos notar na seguinte passagem:

Você conheciam meu pai melhor do que eu, a maioria de vocês. Talvez eu o conhecesse mais profundamente – profunda e singularmente. Quando eu era um garoto, nunca o chamei de Pai, diretamente, olhos nos olhos. Eu não tinha um nome para ele. (Ibid., p.25)⁹

A relação entre Sean e Alex é narrada por tal falta de afetividade, que o próprio filho quer praticar a eutanásia no pai. Sean é quem consegue a morfina que será aplicada em Alex. O leitor não é informado a respeito de como ele a consegue, Sean afirma: “*Isto não é interessante*” (DELILLO, 2005, p. 74)¹⁰. Na mesma cena, ele lê as instruções coletadas em algumas páginas da *Internet* sobre como aplicar a morfina. Ele e Toinette seguirão as instruções da *web* para atingirem o propósito desejado: a morte de Alex. Notamos, assim, que não há uma interferência de médicos, advogados ou outras personagens que poderiam estar presentes numa situação como essa. O foco é o conflito vivido pelas personagens em sua forma mais pura. A eutanásia é praticada por pessoas envolvidas no caso de forma direta, com toda a carga emocional que isso representa e que não sabem exatamente como executar a ação, conforme podemos verificar na seguinte passagem:

TOINETTE: Tudo bem. Mas há algo interessante. Você já fez isso antes?

SEAN: Não.

TOINETTE: Não.

SEAN: Isso é interessante. Mas não. (Ibid., p. 74)¹¹

Cabe observar também que as cenas se passam em um quarto de uma casa e não em uma cama de hospital, de tal forma que nos deparamos com a figura de um homem sentado em uma cadeira, com poucos equipamentos médicos ao seu redor. Isso reforça a sensação de angústia vivida pelas personagens e também no leitor que verá a eutanásia ser decidida e praticada pela família do doente.

⁹ “*You knew my father better than I did, most of you. Maybe I knew him in a deeper way — deeper and stranger. When I was a kid, I never called him Dad straight-out, face-to-face. I didn’t have a name for him.*” (Ibid., p. 25)

¹⁰ “*This is not interesting.*” (DELILLO, 2005, p. 74)

¹¹ TOINETTE: *All right. But here’s something interesting. Have you done this before?*

SEAN: *No.*

TOINETTE: *No.*

SEAN: *This is interesting. But no.* (Ibid., p. 74)

Na cena 10 do primeiro ato, Toinette e Sean estão conversando e ela pede para ele pegar a cadeira de rodas. Ele não se move e acrescenta: “Eu ainda não olhei para as estrelas. Preciso sair e fazer isso” (Ibid., p. 39)¹².

E não se move novamente. Podemos afirmar que há um inércia de Sean diante dos problemas que está enfrentando; há uma relutância diante da situação. Ele não consegue ao menos olhar para o próprio pai.

A peça de DeLillo mostra-nos a dificuldade de as personagens trabalharem os seus sentimentos. A situação de Alex é que une as outras personagens. Sean, Lia and Toinette encontram-se ali para uma única finalidade, como apontado por Toinette:

Por que estamos todos em volta dele? Não porque ele seja um marido amoroso e um pai devotado ao longo da vida. [...] Não por que nos sentimos de alguma forma obrigados - Eu não. [...] Estamos aqui para ajudá-lo a morrer. (DELILLO, 2005, p. 23-24)¹³

Alex encontra-se em uma situação de saúde delicada. São em momentos como o vivido por esta personagem que os problemas, os rancores afloram. Nas palavras de Sean, percebemos que ele guarda rancor pelo pai, revelando sua relação tumultuada com Alex: “Esperando para vê-lo. Esperando que ele apareça. Esperando que seu humor melhore. Esperando que ele diga algo” (Ibid., p. 44)¹⁴.

Outro aspecto importante na peça é a empatia, pois a personagem Lia pensa na sua própria vida e na do outro, como vemos a seguir:

[...] Quero dizer, o homem no metrô, o homem que não tem calçados no banco do parque, que está muito abatido até mesmo para mendigar, sentado lá, tão frágil e sujo – eu não poderia estar no lugar dele, ser quem ele é, mesmo por meio minuto? (DELILLO, 2005, p. 93)¹⁵

Assim, ao se colocarem na vida do outro, as pessoas passam a compreender o que o outro estaria vivenciando: será que Alex está sofrendo? As personagens estão divididas, pois ao se colocarem no lugar do outro, têm opiniões diferentes, e vão raciocinar de maneira a atender aos seus próprios interesses. Nesta peça, Don DeLillo focaliza a complexidade da natureza humana.

¹² “I haven’t looked at the stars yet. I need to go outside and do that”. (Ibid., p. 39)

¹³ *Why are we clustered around him? Not because he’s a loving husband and father whose lifelong devotion. [...] Not because we feel indebted in any way – I don’t [...]. We’re here to help him die.* (DELILLO, 2005, p. 23-24)

¹⁴ *“Waiting to see him. Waiting for him to show up. Waiting for his mood to improve. Waiting for him to say something.”* (Ibid., p. 44)

¹⁵ *[...] I mean shouldn’t the man on the subway train, the man on a park bench who has no shoes, who’s too beaten down even to beg, sitting there, so frail and soiled — shouldn’t I be able to be in his life, be who he is, even for half a minute?* (Ibid., p. 93)

Também na peça encontramos o debate a respeito do homem no mundo pós-moderno, como podemos notar no diálogo entre Toinette e Lia:

TOINETTE: O que você sabe sobre estar no mundo?

LIA: Eu sei que é o mundo que você construiu. Cuidar do corpo. Controlar o corpo. Alterar o corpo. Não sou primitiva. Eu tento pensar sobre o que eu faço. (DELILLO, 2005, p. 41)¹⁶

Ao se depararem com uma situação como a da eutanásia, Toinette e Lia apresentam suas opiniões de acordo com suas convicções acerca do que é estar no mundo.

No fim do texto, as personagens decidem praticar a eutanásia em Alex. Toinette e Sean vão aplicando a morfina em Alex de tempo em tempo. De acordo com as instruções da *Internet*, eles esperam a respiração ir diminuindo até finalmente parar. O leitor é convidado, então, a refletir sobre o ato praticado e suas consequências para a vida daquelas pessoas dali para frente: sentiriam remorso? Sentiriam que cometeram um assassinato?

A tecnologia, representada nos aparelhos e pela *Internet*, possibilitou o prolongamento da vida de Alex e também ofereceu as instruções para a sua morte.

Love-Lies-Bleeding é uma peça que apresenta alusões a outros textos. No segundo ato, por exemplo, Toinette e Alex estão conversando e ela cita o poema *Mattina* (1917), de Giuseppe Ungaretti:

“*M’illumino d’immenso*, brilho, ilumino-me, banho-me em luz, fico luminoso neste grande espaço. *D’immenso*. Este vasto espaço, esta imensidão. Tradução razoavelmente literal.” (DELILLO, 2005, p. 64)¹⁷

Essa alusão ao texto de Ungaretti leva os leitores a estabelecer significados para a análise da peça. A peça de DeLillo expõe as possibilidades da alma humana por meio das três personagens debatendo sobre o destino de Alex. Assim, somos capazes de ver como os seres humanos são complexos, contraditórios, ambíguos e bastante individualistas, neste caso.

Um outro elemento significativo na peça são os nomes de plantas. Na cena 10 do primeiro ato, Toinette diz: “[...] Ele (Alex) disse que eles não criaram os nomes das plantas. Eles os descobriram, como exploradores [...]” (Ibid., p. 39)¹⁸.

¹⁶ TOINETTE: *What do you know about being in the world?*

LIA: *I know it’s the world you made. Tend to the body. Manage the body. Alter the body. I’m not some kind of primitive. I try to think about what I’m doing.* (Ibid., p. 41)

¹⁷ “*M’illumino d’immenso*. I glow, I shine, I bathe myself in light, I turn luminous in this vast space. *D’immenso*. This vast space, this immensity. Fairly literal translation.” (DELILLO, 2005, p. 64)

¹⁸ “He (Alex) said they didn’t create the names of plants. They discover them, like explorers [...]” (Ibid., p. 39)

Aqui, podemos dizer que os nomes das plantas foram dados a partir de coisas pré-existentes (por exemplo, uma característica da planta). Na peça, há uma situação pré-existente e as personagens estão tentando descobrir a forma mais conveniente para resolvê-la.

O próprio nome da peça, *Love-Lies-Bleeding* é o nome de uma planta. Trata-se de um tipo de amaranto, mas para este trabalho, traduzimos como “flor imarcescível”, ou seja, flor que não murcha. A carga semântica do nome contribui ainda mais para o efeito dramático do texto, pois as personagens encontram-se diante de uma situação extremamente complexa, que envolve fatores éticos e religiosos, expondo seus sentimentos e pensamentos, falando de suas vidas e tentando decidir sobre a vida de uma outra pessoa tão próxima a elas.

3. ZERO K: TERRITÓRIOS E FRONTEIRAS DO HOMEM SOCIAL EM BUSCA DA IMORTALIDADE

Na segunda obra, *Zero K*, também foco deste trabalho, romance publicado em 2016, Don DeLillo expõe um mundo mergulhado em catástrofes: são tragédias como inundações, incêndios, situações de guerra, mortes, todas frutos das ações do próprio homem. São cenas de velhos inimigos humanos que permeiam a narrativa, algumas mostradas em tempo real, por meio das facilidades que a tecnologia proporciona de transmissão de imagens, recursos característicos da sociedade atual.

Na obra, encontram-se rastros das buscas pelos novos desejos norteadores do cotidiano do homem do presente século: a felicidade, a imortalidade e a divindade. Pode-se dizer que estes anseios estão atrelados aos desenvolvimentos econômicos e aos recursos financeiros que uma das personagens, Ross Lockhart, dispõe para toda a sorte de investimentos em ciência e tecnologia.

Algumas fronteiras são ultrapassadas nesta jornada rumo à perpetuação do homem: a) geográficas, dos Estados Unidos a uma região distante da Ásia, onde fica um centro avançado de pesquisas; b) científico-tecnológicas, com conhecimentos e recursos de última geração; e c) limiar da morte-vida ou vida depois da vida, com a preservação de corpos para um despertar em tempos futuros.

Na narrativa, o motor propulsor para o alcance das realizações humanas é a tecnologia, posta como um deus, como algo que pode salvar tudo. Almeja-se a imortalidade. Corpos são congelados para esperar a cura para certas doenças; trata-se da busca incessante pela vida após a morte ou a vida após a vida. Tudo

acontece em um local chamado *Convergence*, longe de Nova York, do outro lado do mundo:

“Tecnologia baseada na fé. É isso. Um outro deus. Acaba que nem é tão diferente assim de alguns deuses anteriores. Só que é uma coisa concreta, verdadeira, que funciona.”

“Vida após a morte [...]”

“Lá embaixo em uma área que serve como uma clínica, às vezes fico entre as pessoas que estão sendo preparadas para serem submetidas ao processo.” (DELILLO, 2017, p. 14)¹⁹.

Em *Zero K*, a certeza da morte no destino dos indivíduos é posta em xeque. Existe o desejo de se alterar a máxima: “És pó”. [...] “E ao pó retornarás.” [...] “Tempo, destino, chance, imortalidade” (DELILLO, 2017, p. 19).²⁰ Ao pó não se pretende voltar, busca-se a perpetuação da espécie. E a tecnologia é a grande aliada nesta empreitada. Todas as descobertas relacionadas à preservação são postas a serviço desta missão.

DeLillo leva-nos a considerar a interação entre a máquina e o homem, entre a tecnologia e o humano. E temos todos os avanços biomédicos e tecnológicos como determinadores estratégicos no destino da humanidade. O autor nos faz pensar nas palavras de Haraway (2010, p. 11) a respeito dos ciborgues, as criaturas pós-humanas com sua ubiquidade: são implantes, transplantes, enxertos, próteses... uma série de intervenções que vêm restaurando, normalizando, melhorando e reconfigurando o humano.

Deus-tecnologia e também homem-deus. Segundo Harari (2016, p. 52-53), o aprimoramento de humanos como deuses passa pelos caminhos das engenharias: biológica, ciborgueana e também dos seres não-orgânicos. Considerando-se a primeira, mudanças em genes, hormônios e neurônios foram suficientes para transformar o *homo erectus* em *homo sapiens*, capaz de produzir naves espaciais e computadores. Bioengenheiros podem reescrever o código genético, religar os circuitos cerebrais e alterar o equilíbrio bioquímico. Já a engenharia ciborgueana pode ir mais longe, fundindo corpos orgânicos e não-orgânicos: são mãos biônicas, olhos artificiais e até nanorrobôs que navegam na corrente sanguínea, diagnosticando problemas e reparando danos. Essas previsões podem ser observadas na obra de DeLillo, nas falas a seguir:

¹⁹ “Faith-based technology. That’s what it is. Another god. Not so different, it turns out, from some of the earlier ones. Except that it’s real, it’s true, it delivers.”

“Life after death” [...].

“Down in an area that serves as a hospice I sometimes stand among the people being prepared to undergo the process.” (DELILLO, 2016, p. 9)

²⁰ [...] “Dust thou art.” [...] “And to dust thou shall return.” [...] “Time, fate, chance, immortality.” (Ibid., p. 15)

[...] “Vou me tornar um espécime clínico. Progressos vão ocorrer ao longo dos anos. Partes do corpo substituídas ou reconstruídas. [...] Uma remontagem, átomo por átomo. Estou absolutamente convicta de que vou despertar pra uma nova percepção do mundo. [...]” (DELLILO, 2017, p. 49)

[...] “Estamos aqui para reconsiderar tudo que diz respeito ao fim da vida. E vamos emergir em forma ciber-humana num universo que nos falar de um modo muito diferente.” [...] “Novas tecnologias permitirão que o cérebro funcione no nível da identidade?” (DELLILO, 2017, p. 67)²¹

E as “novas tecnologias permitirão que o cérebro funcione no nível da identidade?” Este é um dos questionamentos levantados na obra em foco. Em sua construção de mundo, vale lembrar que o homem social também se autoconstitui e sua identidade, por consequência, também é permanentemente remodelada. São novos valores, novas buscas e nova ancoragem social:

Toda sociedade é uma empresa de construção de mundo. [...] Não pode haver realidade social separada do homem. No entanto, também pode ser afirmado que o homem é um produto da sociedade. Cada biografia individual é um episódio dentro da história da sociedade [...]. (Tradução nossa.) (BERGER, 1967, p.3)²²

Assim se dá a tessitura de uma das mais inerentes características do homem, a costura de sua condição identitária. Nela, há o cerne de cada organismo presente na estrutura organizacional da sociedade na qual o indivíduo faz parte. Todos os elementos sociais são importantes na síntese do homem. E incrivelmente este mesmo homem continua construindo seu ambiente e sendo modificado pelo seu próprio produto.

4. AS PERSONAGENS DE ZERO K E SUAS FORMAÇÕES IDENTITÁRIAS

A pluralidade de transformações vivenciadas pelo sujeito no cenário das últimas décadas do século que se findou e início do atual são retratadas por Don DeLillo. As personagens e as situações vividas por elas em *Zero K* mostram o homem crescido em um ambiente moldado pelo capitalismo. Seus

²¹ [...] *I will become a clinical specimen. Advances will be made through the years. Parts of the body replaced or rebuilt. [...] A reassembling atom by atom. I have every belief that I will reawaken to a new perception of the world.* (DELLILO, 2016, p. 47)

[...] *We are here to reconsider everything about life's end. And we will emerge in cyberhuman form into a universe that will speak us in a very different way. [...] Will new technologies allow the brain to function at the level of identity?* (Ibidem, p. 67)

²² *Every human society is an enterprise of world-building. [...] There can be no social reality apart from man. Yet it may also be stated that man is a product of society. Every individual biography is an episode within the history of society [...]* (BERGER, 1967, p. 3)

comportamentos frente às situações mostram as concepções de uma sociedade que é exposta a muitas criações científico-tecnológicas e, apesar de todos os avanços, é confrontada com sua finitude.

O narrador e protagonista é Jeffrey Lockhart. Um jovem homem, por volta de seus 30 anos, criado em Nova York. Quando tinha 13 anos, no início de sua adolescência, ele vivencia a separação dos pais e este fato marca sua trajetória. Passa a viver apenas com a mãe. Esporadicamente visitava o pai em seu escritório, Ross Lockhart, um bem-sucedido empresário.

Jeff, já adulto, sofre a perda de sua mãe. Presume-se que é o primeiro momento em que é confrontado com a finitude da vida de um ente querido. No transcorrer da narrativa, há um segundo momento em que ele novamente vai experienciar o contato com a morte; desta vez, da madrasta. Nesta ocorrência, há um fato inusitado, pois ele é chamado por Ross para viajar a um lugar longínquo para se despedir da companheira de seu pai e também testemunhar o processo de congelamento de corpos para a tentativa de retorno à vida.

Ross Lockhart é “um homem moldado pelo dinheiro”²³ (DELLILO, 2017, p. 18). Tem um escritório em Nova York, gestão de recursos privados. Faz parte de uma espécie de associação, chamada *Convergence*, que tem a missão de congelar corpos para que haja a vida após a vida, a busca pela imortalidade, desejo sempre pretendido pelo ser humano.

Artis, a segunda esposa de Ross e madrasta de Jeff, é arqueóloga e sofre de uma doença degenerativa. Todos os esforços são feitos no intuito de salvá-la, mas a conhecemos na iminência de morrer e ter o corpo congelado e preservado em uma espécie de casulo, em uma das dependências da *Convergence*, para que possa voltar à vida em um momento em que exista a possibilidade de cura para a sua enfermidade. Este fato nos faz lembrar as antigas tumbas e pirâmides egípcias com suas técnicas de preservação de corpos de seus faraós.

Ross e Artis colocam os recursos financeiros, a ciência e a alta tecnologia a serviço da imortalidade humana. Nesta busca desenfreada pelo imortal, a personagem de Ross apresenta um comportamento que não vai ao encontro da preservação da vida, pois decide passar pelo *Zero K*, uma área destinada à preparação de corpos pelo processo da criogenia e tem sua morte antecipada. Não espera pelo desligamento natural. Aí encontra-se um apelo suicida, um adeus à vida para aguardar por um ressurgimento incerto, seria esta atitude um paradoxo? DeLillo aponta para os melindres da subconsciência humana, seus questionamentos e busca constante por respostas.

Já Jeff é um tanto mais cauteloso, não busca o acúmulo de bens, quer o necessário para viver e segue seu curso de vida. Nas considerações de Rich, é apresentado ao complexo da *Convergence* (Convergência) e a todo o mistério que envolve os vários compartimentos e salas. Cada cômodo com seus segredos e

²³ *He was a man shaped by the money.* (DELLILO, 2016, p.13)

adequação para o serviço de preservar corpos para o ressurgimento e/ou volta à vida:

O local é chamado de Convergência. É uma instalação criogênica subterrânea, fechada, autossuficiente, financiada por benfeitores ricos e agências governamentais secretas. Dentro do complexo encontram-se câmaras nas quais os corpos de centenas de clientes ricos estão congelados em espécies de casulos brilhantes. Os órgãos essenciais são armazenados em compartimentos menores. Os corpos e os órgãos devem descansar em um estado de animação suspensa até que nosso apocalipse inevitável e iminente tenha seguido seu curso. (Tradução nossa.) (RICH, 2016) ²⁴

Frente a tantas descobertas, por meio de recursos tecnológicos, Jeff assiste a cenas reais de um mundo movido pela ganância, pelas várias formas de intolerâncias, pela violência, pela guerra, pelo descaso do homem no desrespeito à natureza. Um simulacro a céu aberto, cenas que permeiam a vida de Jeff e o fazem refletir e trilhar em busca de portos mais seguros.

Em Zero K, esta tríade de personagens movimenta toda a trama do romance. Suas identidades são fragmentadas, contraditórias e inacabadas. Representam o homem em sua constante busca por respostas sobre a própria existência. Homem confrontado com sua finitude, que lança mão de todos os recursos proporcionados pela ciência e pela tecnologia para prolongar e preservar a vida e buscar a imortalidade:

[...] as velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2015, p. 9)

Estas personagens são representantes desse sujeito social que vivencia movimentos constantes nas esferas sociais, econômicas, culturais e políticas, redesenhando o panorama das comunidades cidadinas.

²⁴ *The place is called the Convergence. It is a sealed, self-sufficient, subterranean cryogenic facility, funded by wealthy patrons and secret government agencies. Within are chambers in which the bodies of hundreds of wealthy patrons are frozen in gleaming pods. The essential organs are stored within smaller pods. The bodies and organs are to rest in a state of suspended animation until our inevitable, impending apocalypse has run its course.* (RICH, 2016)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As personagens de DeLillo representam a constituição de uma identidade histórico-sociocultural remodelada freneticamente em meio aos avanços tecnológicos desta nova era, atestando que cada biografia é um episódio dentro da história da sociedade e que a literatura registra todas estas ocorrências. Tratam-se de sujeitos que testemunham a avalanche da informação pelas diferentes mídias existentes, adaptam-se às mais diferentes experimentações da tecnologia, com sua finitude e o desejo por imortalidade.

Vemos que tanto em *Love-Lies-Bleeding*, com a questão crítica da eutanásia, como em *Zero K*, na aventura pela imortalidade, o homem social se modifica, avança por territórios novos e quebra fronteiras, vê a liquidez das relações afetivas, depara-se com incertezas e inseguranças dessa época tecnológica, assume novos valores e, assim, expectativas e desejos são gerados em decorrência do processo evolutivo humano e da formação da sociedade.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter. *The Sacred Canopy: Elements of a Sociological Theory of Religion*. New York: Doubleday, 1967.

DELILLO, Don. *Love-Lies-Bleeding*. New York: Scribner, 2005.

_____. *Zero K*. New York: Scribner, 2016.

_____. *Zero K*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HARARI, Yuval Noah. *Conversa com Pedro Bial e Yuval Noah Harari*. Exibido pela Rede Globo em 21 jul. 2017a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cwceT9zOWPw>>. Acesso: 06 abr. 2018.

_____. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. Trad. Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Trad. Janaína Marcoantonio. 25. ed. Porto Alegre: L&PM, 2017b.

_____. *21 lições para o século 21*. Trad. Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Thomaz (org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. São Paulo: Autêntica, 2010.

RICH, Nathaniel. When High Technology Meets Immortality. *The New York Review of Books*. Available from: <<http://www.nybooks.com/articles>>. Access to: 14 July 2016.

GISÉLE MANGANELLI FERNANDES é mestre em Letras pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, Câmpus de São José do Rio Preto (1993) e doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo – USP (1997). Atualmente é Professor Associado da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Câmpus de São José do Rio Preto, atuando como docente, orientadora e pesquisadora junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, tendo sido coordenadora deste PPG de 2010 a 2017. Dentre suas publicações estão o artigo “Latinos nos Estados Unidos: Barreiras Culturais, Sociais e Linguísticas Insuperáveis?” (*Linguas & Letrasonline*, 2018) e o capítulo de livro “U. S. Latinos: buscando definições de identidade de espaço social” (*Desafios críticos: literaturas estrangeiras em pauta*, 2018). ORCID: 0000-0002-4194-3414

MAURA CRISTINA FRIGO é mestre em Educação – Ensino Superior pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2001) e doutoranda em Letras – Teoria e Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Atualmente é professora de Língua Inglesa da Faculdade de Tecnologia de São José do Rio Preto (FATEC Rio Preto). Dentre suas participações em congresso destacam-se “Zero K: ciência e tecnologia aliadas na busca pela imortalidade” no V Congresso Internacional do Programa de Pós-Graduação em Letras e XIX Seminário de Estudos Literários da UNESP (2018) e “A formação identitária das personagens de *White Noise* e a linguagem midiática do rádio, da TV e dos tabloides”, no 66º GEL - Seminário de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (2018). ORCID: 0000-0002-8165-780X